
- EDITORIAL -

Felipe Pena*

A França cultiva uma tradição de participação do intelectual na vida pública. Trata-se de uma tradição crítica, equilibrada entre a pesquisa científica e análise apaixonada, mas que nunca é constituída de um relato descompromissado, sem referências ou sem metas. O engajamento parece condição básica para a participação. Como diria Baudelaire no *Spleen de Paris*, “é preciso estar sempre embriagado. De poesia ou de virtude. À tua escolha. Mas embriaga-te sem cessar”.

Nesta edição da Contracampo, trazemos uma entrevista exclusiva com um dos mais conceituados intelectuais franceses da atualidade, o diretor do CEISME, *Centre d'Études Sur l'Image et Son Médiaques* da Universidade de Paris III – *Sorbonne Nouvelle*, François Jost. Seu objeto de estudo é a televisão, analisada com as ferramentas da semiótica, da história e da sociologia, mas, sobretudo, com a paixão de quem se embriaga das próprias palavras: “Tudo que digo é alimentado por minhas análises universitárias e tento dizê-lo do modo mais simples possível. A maior parte dos meus colegas estabelece um corte absoluto entre o mundo da investigação e o mundo real. É uma idéia com a qual não posso concordar.”

Jost tem à sua disposição o arquivo da *Inathèque de France*, em Paris, cujo acervo de programas televisivos e radiofônicos vem servindo de fonte para pesquisadores do mundo inteiro, inclusive brasileiros: “Na França, toda a emissão de rádio e de televisão é arquivada, catalogada e posta à disposição dos pesquisadores. É possível pesquisar qualquer coisa transmitida no país nos últimos quarenta anos. Há tempo para análises profundas.”

* Editor-chefe da Contracampo. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Literatura pela PUC-Rio. Autor de oito livros na área de comunicação, entre eles *Teoria do Jornalismo* (Ed. Contexto, 2005) e *Teoria da Biografia Sem Fim* (Ed. Mauad, 2004). Comentarista do programa Espaço Público, na TVE-Brasil.

E por falar em profundidade, outro pesquisador internacional nos dá a honra de comparecer nas páginas da revista. É a mexicana Rossana Reguillo, doutora em Ciências Sociais pela Universidad de Guadalajara e professora do Departamento de Estudos Socioculturais do Instituto de Estudios Superiores de Occidente (ITESO), de Guadalajara, no México. Rossana foi catedrática da Unesco na Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha, em 2004, e é autora, entre outros livros, de *Estrategias del desencanto. La emergencia de culturas juveniles en Latinoamérica* (Norma, 2000) e *Horizontes fragmentados. Comunicación, cultura, pospolítica. El (des)orden global y sus figuras* (Iteso, 2005). Neste número, ela pensa a cultura com e depois de Bourdieu no artigo que abre a edição.

Como os leitores já puderam perceber, optamos por não reeditar nosso tradicional dossiê temático. Assim, foi possível contar com um leque maior de assuntos através da participação de professores de diversas regiões do país, como Márcia Benetti, Adriano Sampaio, Heitor Rocha e André Fonseca, entre outros, além dos internacionais já mencionados. Entretanto, o Comitê de Redação ainda vai estudar se os dossiês serão resgatados nos próximos números.

6

Para finalizar, como de praxe, desejo a todos uma boa leitura e me despeço com a embriaguez das palavras de Caio Fernando Abreu: “pois aqui nesta janela, além dela, passa boiada, passa cascata, matagal, vilarejo e tudo mais que compõe a paisagem das coisas viventes, embora passe também cemitério e fome. Coisas belas, coisas feias: o bom é que passam, passam, passam. Deixa passar”¹

¹ ABREU, Caio F. *Pequenas Epifanias*. R.J. Agir. 2006 (p.172).